



Evento: XXVI Jornada de Pesquisa

## A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA GESTÃO DE PROPRIEDADES RURAIS NOS MUNICÍPIOS DE ABRANGÊNCIA DO IFFar - CAMPUS SANTO AUGUSTO RS<sup>1</sup>

Jessica Rayane Chaves<sup>2</sup>, Maira Fátima Pizolotto<sup>3</sup>, Cristiano Nunes dos Santos<sup>4</sup>, Tarcisio Samborski<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação em Gestão do Agronegócio realizado no IFFar *Campus* Santo Augusto RS.

<sup>2</sup> Especialista em Gestão do Agronegócio, IFFar *Campus* Santo Augusto RS.

<sup>3</sup> Professora EBTT no IFFar *Campus* Santo Augusto RS e Orientadora do TCC.

<sup>4</sup> Professor EBTT no IFFar *Campus* Santo Augusto RS e Membro da banca examinadora.

<sup>5</sup> Professor EBTT no IFFar *Campus* Santo Augusto RS e Membro da banca examinadora.

### RESUMO

O agronegócio é um setor da economia muito importante para a sociedade mundial, pois envolve uma cadeia de produção alimentar que interliga vários setores: agricultura, pecuária, indústria e comércio. O agronegócio compreende todas as operações e transações envolvidas desde a fabricação dos insumos agropecuários, das operações de produção nas unidades agropecuárias, até o processamento e distribuição e consumo dos produtos agropecuários 'in natura' ou industrializados (ARAÚJO, 2007). Este setor inclui proprietários de terra e indústrias, associações de empresários, instituições de pesquisa, universidades, grupos de *lobby*, além do governo, que assume função de apoiar estudos e políticas de regulamentação e comércio. Por ser este setor econômico o mais relevante na região de abrangência do IFFar *Campus* Santo Augusto, este estudo objetivou conhecer os índices percentuais de mulheres gestoras em propriedades rurais nesta região. Caracteriza-se como uma pesquisa de natureza aplicada, abordagem qualitativa, descritiva, bibliográfica e documental (GIL, 2016), realizada a partir da leitura de livros, artigos e periódicos publicados na internet, bem como, do levantamento de dados estatísticos no site do IBGE, referente ao Censo agropecuário de 2017. Os resultados demonstraram que a gestão realizada por mulheres em estabelecimentos rurais no Brasil tem um índice de 18,66 %, no Rio Grande do Sul de 12,03% e nos municípios de abrangência do IFFar de 13,99%. O município que apresentou o maior índice foi Redentora com 26,5% e o com menor índice foi Sede Nova com 5,07%. Conclui-se que ainda é baixa a participação das mulheres na gestão de propriedades rurais, apesar de sua importância. No entanto, pensar esse fato apenas baseado em dados estatísticos é diminuir o papel social que a mulher vem construindo, agregando valor e qualidade ao agronegócio.

**Palavras-chave:** Agronegócio. Organizações Rurais. Mulheres Gestoras.

### ABSTRACT

Agribusiness is a very important sector of the economy for world society, as it involves a food production chain that interconnects several sectors: agriculture, livestock, industry and commerce. Agribusiness comprises all operations and transactions involved from the



manufacture of agricultural inputs, production operations in agricultural units, to the processing and distribution and consumption of agricultural products 'in natura' or industrialized (ARAÚJO, 2007). This sector includes landowners and industries, business associations, research institutions, universities, lobby groups, in addition to the government, which takes on the role of supporting studies and policies on regulation and trade. As this economic sector is the most relevant in the region covered by the IFFar *Campus* Santo Augusto, this study aimed to know the percentage rates of women managers in rural properties in this region. It is characterized as an applied research, qualitative, descriptive, bibliographical and documentary approach (GIL, 2016), carried out from the reading of books, articles and periodicals published on the internet, as well as the survey of statistical data on the website. IBGE, referring to the 2017 Agricultural Census. The results showed that the management carried out by women in rural establishments in Brazil has an index of 18.66%, in Rio Grande do Sul of 12.03% and in the municipalities covered by the IFFa de 13.99%. The municipality with the highest index was Redentora with 26.5% and the one with the lowest index was Sede Nova with 5.07%. It is concluded that the participation of women in the management of rural properties is still low, despite its importance. However, considering this fact only based on statistical data is to reduce the social role that women have been building, adding value and quality to agribusiness.

**Keywords:** Agribusiness. Rural Organizations Women Managers.

## INTRODUÇÃO

O agronegócio no Brasil exerce papel fundamental apresentando reflexos diretos e indiretos à economia. Em 2020 teve participação de 26,6% no PIB, bem como, expressivo papel no mercado de trabalho, visto que emprega profissionais de diversas formações. O Rio Grande do Sul não é diferente, pois é um estado com tradição agropecuária, respondendo por cerca de 40% do seu PIB, demonstrando sua importância socioeconômica com a geração de riquezas e promoção do desenvolvimento regional. Nessa perspectiva a força feminina se faz presente em vários setores do agronegócio. As mulheres têm sido uma força de trabalho essencial no mundo do trabalho, pois possuem competências capazes de colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, sensível, igualitária e sustentável. Considerando o empoderamento feminino registrado nos últimos tempos, o papel da mulher no mercado de trabalho tem se fortalecido e sua presença tem sido vista em praticamente todos os cargos e funções, até onde o predomínio era apenas masculino, como é o caso do Agronegócio. De acordo com o Censo Agropecuário realizado pelo IBGE em 2017, o número de mulheres envolvidas no trabalho de propriedades rurais no Brasil alcançou quase 1 milhão. E 947 mil mulheres são responsáveis pela gestão das propriedades rurais, sendo em sua maioria na região Nordeste (57%), seguida pelo Sudeste (14%), Norte (12%), Sul (11%) e Centro-Oeste que concentra apenas 6% do



universo de mulheres dirigentes (GUARALDO, 2020). A mesma pesquisa aponta, que juntas, as mulheres administram cerca de 30 milhões de hectares, o que corresponde apenas a 8,5% da área total ocupada pelos estabelecimentos rurais no país. Quanto aos estabelecimentos identificados pelo Censo Agropecuário 2017, dos 5,07 milhões, as mulheres são proprietárias de apenas 19%, enquanto os homens ainda detêm 81% (GUARALDO, 2020). No que se refere às atividades econômicas que as mulheres desempenham nas propriedades, existe uma diferença entre mulheres proprietárias e não proprietárias. As atividades econômicas entre as proprietárias, 50% estão relacionadas à pecuária e criação de outros animais; 32% à produção de lavouras temporárias e 11% à produção de lavouras permanentes. Quanto as não proprietárias (produtoras sem área; concessionárias ou assentadas aguardando titulação definitiva; ocupantes; comandatárias; parceiras ou arrendatárias), 42% das atividades econômicas estão relacionadas à produção de lavouras temporárias; 39% à pecuária e criação de outros animais e 7% à produção de lavouras permanentes (GUARALDO, 2020). Diante destes dados pesquisados, objetivou-se conhecer os índices percentuais de participação de mulheres gestoras em propriedades rurais nos municípios de abrangência do IFFar Campus Santo Augusto.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 O AGRONEGÓCIO**

Mendonça (2015) diz que o termo agronegócio (*agribusiness*) teve origem na *School of Business Administration* da Universidade de Harvard, com a publicação do livro *A Concept of Agribusiness*, de John Davis e Ray Goldberg em 1957. Nessa publicação a premissa central é a ideia de que o campo estaria passando por grandes transformações a partir de uma revolução tecnológica.

De acordo com Mendonça (2015) o conceito de agricultura como parte integrante da indústria já existe há 150 anos quando, além de alimentos, os camponeses produziam seus próprios equipamentos, insumos, combustível, moradia, roupas e utensílios domésticos. Destaca, no entanto, que a principal mudança que se observa nas “fazendas modernas” é que essas deixaram de ser autossustentáveis passando a ter função comercial e com sua produção baseada em monocultivos.



Além disso, as atividades como armazenamento, processamento e distribuição foram transferidas para outras empresas, que também passaram a produzir produtos industriais utilizados neste modelo agrícola, como tratores, caminhões, combustível, fertilizantes, ração, pesticidas, entre outros. Essa condição contribuiu para o surgimento do termo agronegócio, visto que, o vocabulário não acompanhou o ritmo do progresso. Progresso que significaria que “as fazendas não poderiam operar nem por uma semana se estes serviços fossem cortados” (DAVIS; GOLDBERG apud MENDONÇA, 2015, p.3).

O termo *agribusiness* perpassou a década de 1980 sem tradução para o português e foi adotado de forma genérica para descrever agronegócios, complexo agroindustrial, cadeias agroeconômicas e sistema agroindustrial.

Na segunda metade da década de 1990, o termo agronegócio passa a ser adotado nos livros-textos e nos jornais, culminando com a criação dos cursos superiores de agronegócios, em nível de graduação universitária. Surge da fusão entre agricultura ou agropecuária e negócio (ARAÚJO, 2007).

Com o papel de resgatar essa interdependência aparentemente perdida, embora os negócios agrícolas existissem há milênios o agronegócio se constitui em um feixe de cadeias produtivas, compreendidas como uma sequência coordenada que, a partir de insumos, chega à produção e à distribuição de derivados. Remete ainda ao conceito de “complexo agroindustrial, com o que se enfatiza o caráter evolutivo da produção primária simples para o intrincado conjunto de segmentos interdependentes” (LUZ, 2015.p.7).

No Brasil, em 1995, objetivando a formulação de políticas agrícolas, foi estabelecido o conceito legal de agricultura familiar quando percebida como pequena produção com até dois empregados assalariados permanentes e eventualmente temporários. Uma vez que esse produtor configura-se como um alvo mais difícil de ser alcançado pelos instrumentos gerais de política (como crédito rural ou preços mínimos), o conceito de agricultura familiar é operacionalmente útil. Entretanto, os agricultores familiares fazem logicamente parte do agronegócio, na medida em que integram as mesmas cadeias produtivas que outras categorias de produtores rurais (LUZ, 2015).

Feix (2020) considera o agronegócio como o setor mais importante para a economia do Brasil, que por desenvolver tecnologias de ponta tem atraído o olhar do mundo. Além disso, é o setor que vem alavancando o PIB nacional e os dados revelam que é responsável por



alavancar a economia do país. De acordo com dados do IBGE, o setor é responsável por empregar grande parte da mão de obra brasileira, sendo que 1 em cada 3 trabalhadores brasileiros trabalham com algo ligado ao agronegócio. Além disso, é responsável por 44% das exportações do país (FEIX, 2020).

## 2.2 O AGRONEGÓCIO NO RS

As primeiras vertentes do agronegócio surgiram em São Paulo e depois no Rio Grande do Sul, como Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial (Pensa/USP).

Na caracterização econômica do RS, o conceito de agronegócio apresenta uma imagem mais precisa, pois visualiza as atividades agropecuárias no conjunto da economia regional e sua articulação com o restante do Brasil.

Desde fevereiro de 2016, o Núcleo de Estudos do Agronegócio da FEE propaga dados sobre as exportações de bens e o emprego formal celetista gaúcho e brasileiro. Essa análise mostra elementos alusivos às principais atividades agropecuárias (segmento “dentro da porteira”), agroindustriais (segmento “depois da porteira”), da indústria de máquinas e implementos agrícolas (segmento “antes da porteira”) presentes no território gaúcho.

No RS, existem 365.052 estabelecimentos agropecuários, perfazendo uma área de 21,7 milhões de hectares. As pastagens ocupam 42% e as lavouras permanentes e temporárias 36% da área dos estabelecimentos agropecuários do RS (IBGE, 2019). Ressalta-se a importância da agropecuária para a geração de renda no RS, pois segundo as estatísticas do PIB Municipal, em 2016 a agropecuária era a principal atividade econômica em 252 municípios gaúchos, característica mais frequente entre os municípios interioranos com menos de 5.000 habitantes (IBGE, 2018).

O RS tem uma grande importância histórica na oferta nacional de alimentos, o que lhe rendeu o título de “Celeiro do Brasil”, bem como, por sua contribuição para a produção agropecuária nacional, destinada ao mercado interno e à exportação.

O noroeste do Estado do RS destaca-se no agronegócio nacional e mundial, posição que conquistou com o auxílio de pesquisas, melhoramento genético de plantas, aperfeiçoamento da mecanização, adoção de técnicas de manejo adequado do solo e agricultura de precisão (ANTONINI, 2018).



É salutar afirmar que a agricultura da região Noroeste do Estado do RS apresenta um histórico de destaque alavancada pela produção de soja com bons exemplos de ações pioneiras da região, que contribuíram para o agronegócio brasileiro alcançar a posição de destaque que ocupa hoje no cenário internacional. É conhecida como "Berço Nacional da Soja" tem atingido bons índices de produtividade na cultura da soja, acompanhando as tendências tecnológicas. Buscou também um avanço no cultivo dos demais grãos alcançando ótimos resultados, que aliado à profissionalização da produção leiteira, tem criado uma ótima condição para a viabilização das propriedades rurais da região (DEZORDI, 2017).

### 2.3 A GESTÃO DO AGRONEGÓCIO

A gestão rural é entendida como o controle e o gerenciamento de todas as atividades que se desenvolvem dentro de uma propriedade rural. Considerando o conceito de agronegócio, a sua gestão implica no gerenciamento de todas as atividades que ocorrem “dentro da porteira” e “fora da porteira”. Atividades que necessitam de um processo eficiente de gestão para se manter e prosperar no mundo econômico cada vez mais competitivo.

Uma gestão competente no agronegócio pode maximizar os lucros dos produtores rurais, potencializando seu crescimento. Para isso, as empresas de produção rural procuram se tornar mais flexíveis e complexas, mobilizando os gestores para o desafio da implantação dos modelos de gestão que atendam às novas demandas produtivas e socioambientais. Isso significa que os valores, crenças, missão e práticas de gestão tendem a buscar um estilo que possa gerar vantagem competitiva para a organização (THIAGO et al., 2020).

Os investimentos na modernização da agricultura do país, permitiu um avanço na performance da atividade rural e as transformações decorrentes dessa modernização acarretaram novas exigências no gerenciamento das propriedades agrícolas, exigindo do produtor uma postura empresarial, com produção em larga escala, dando origem ao que Leitner e Filho (2019) conceituaram como “um novo padrão de produção”.

A gestão de empresas rurais no Brasil ainda se desenvolve dentro de critérios bastante tradicionais ou com um padrão de desempenho inaceitável, tanto em pequenas propriedades, como também nas médias e grandes, com economia de mercado e elevados níveis de renda (CREPALDI apud LEITNER e FILHO, 2019, p.4). 18 Ainda é incipiente a atenção dedicada a essa nova realidade comercial e gerencial nas mais diversas áreas das empresas rurais, apesar



dos produtores rurais considerarem a função produção como a área de maior importância na gestão (CREPALDI apud LEITNER e FILHO, 2019).

A gestão no agronegócio é primordial, pois o seu sucesso é determinante para a saúde econômica dentro e fora do Brasil. Essa gestão implica buscar inovações tecnológicas viáveis e acessíveis, capazes de diminuir custos e aumentar lucros. Isso significa que não basta ser um especialista em técnicas de plantio, pois no agronegócio existe a demanda de administradores e empresários rurais capazes de pensar os diversos fatores relacionados ao agronegócio: propriedade, máquinas e implementos, controle de pragas, pessoal, financeiro, estoque, água e insumos, meteorologia, etc. (STABELINI, 2017).

#### **2.4 A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO AGRONEGÓCIO**

Souza e Guedes (2016) ressaltam que a história do século XIX mostra, que existia na sociedade de maneira geral, uma clara divisão entre domínio público e privado. Desse modo, aos homens pertenciam as atividades da esfera pública, desempenhando de forma dominante o papel de provedor da família, enquanto às mulheres pertenciam à esfera privada. Enquanto a mulher cuidava do lar, o homem provia o sustento financeiro.

No entanto, as transformações no cenário socioeconômico, as revoluções culturais e a força do movimento feminista no século XX, apresentaram novas configurações sociais, fragilizando a dicotomia entre público e privado e o modelo homem provedor e mulher cuidadora.

O relaxamento das fronteiras entre o mundo produtivo (homens) e reprodutivo (mulheres) contribuiu para as mulheres participarem do mundo produtivo, mas não promoveu uma significativa revisão dos limites das responsabilidades privadas femininas. As mulheres em sua maioria, apesar do ingresso no espaço público e a abertura para o mundo do trabalho, ainda acumulam a educação e demais cuidados. Ou seja, houve uma reconfiguração na divisão social do trabalho, sem mudança significativa ou estrutural, em sua essência (SOUZA e GUEDES, 2016). Desse modo, o desafio de comandar as propriedades rurais é muito maior para as mulheres porque elas também assumem a maternidade e na maioria das vezes todas as funções domésticas. Mesmo quando não são as gestoras formalmente, muitas vezes são as que resolvem problemas de nível gerencial.



O Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA) ao realizar um estudo sobre Mulheres no Agronegócio, destacou que as diversas transformações estruturais de natureza cultural e social ocorridas ao longo das últimas décadas na sociedade brasileira promoveram o aumento, apesar de lento, da participação da mulher no mercado de trabalho. Apesar do crescimento de 40% na Taxa de Participação Feminina na Força de Trabalho (TPFT), entre 2002 e 2015, mostradas através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), no agronegócio, e principalmente na agropecuária, embora apresente um aumento, tradicionalmente a participação feminina ainda tem um reconhecimento muito baixo pela sociedade (CEPEA, 2018).

Entre 2004 e 2015, houve uma tendência geral de redução da população ocupada (PO) do agronegócio. No período, a queda foi de 6,6%. Enquanto o número de homens atuando no setor diminuiu 11,6%, o total de mulheres trabalhando no agro aumentou 8,3%. Diante desse cenário, a participação da mulher no mercado de trabalho do agronegócio cresceu consistentemente entre 2004 e 2015, passando de 24,1% para 28% (CEPEA, 2018). A pesquisa mostrou que a distribuição das mulheres pelos diferentes elos considerando os segmentos do agronegócio é divergente da observada para os homens, pois esses estão predominantemente operando no segmento primário (agropecuária), enquanto as mulheres nas agroindústrias e nos agro serviços (CEPEA, 2018).

Verificou-se que quanto às características socioeconômicas das mulheres do agro, ocorreu um aumento da participação feminina no agronegócio impulsionado por trabalhadoras com um maior nível de educação formal, indicando evolução positiva ligada a empregos que exigem maior qualificação. Já a participação das mulheres com instrução igual ou inferior ao ensino fundamental retrocedeu expressivamente, aumentando, no entanto, as que possuem ensino médio e superior. Quanto à idade, a participação de mulheres atuando no agronegócio com mais de 30 anos aumentou em relação à participação de mulheres com 30 anos ou menos. Considerando-se o grupo de mulheres (>30), a participação no mercado de trabalho do agronegócio passou de 58,86% para 68,49% de 2004 a 2015. Essa tendência se deve em função do processo de envelhecimento da população brasileira que reflete na idade média da população ocupada e recentemente, em função da mudança de comportamento dos trabalhadores, que precisam adiar sua saída do mercado de trabalho.





### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada neste estudo foi embasada em Gil (2016) e configura-se: quanto à natureza em uma pesquisa aplicada, cujo objetivo é o de gerar conhecimentos de aplicação prática para problemas específicos, envolvendo verdades e interesses locais; quanto a Abordagem é uma pesquisa qualitativa, pois a coleta e análise dos dados não é baseada somente na quantificação, mas sim na análise e descrição do fenômeno em sua forma complexa; quanto aos procedimentos técnicos é uma pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A pesquisa documental utiliza-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa; quanto aos objetivos constitui-se em uma pesquisa descritiva, pois descreve um fenômeno ou objeto de estudo e estabelece relações entre as suas variáveis.

O IFFar *Campus* Santo Augusto atende uma área que se concentra no entorno do Vale do Rio Turvo, constituída por 21 municípios: Barra do Guarita, Bom Progresso, Braga, Campo Novo, Chiapetta, Coronel Bicaco, Crissiumal, Derrubadas, Esperança do Sul, Humaitá, Inhacorá, Miraguaí, Redentora, Santo Augusto, São Martinho, São Valério do Sul, Sede Nova, Tenente Portela, Tiradentes do Sul, Três Passos e Vista Gaúcha. Essa região comporta um total de 141.482 habitantes (1,32% da população gaúcha), dos quais 43% residem na área rural (FEE, 2014).

Com busca no site do IBGE, considerando o censo de 2017 (último realizado) foram levantados dados dos 21 municípios em questão. É salutar destacar que o número de habitantes corresponde ao IBGE de 2010 (último realizado), embora no site do IBGE conste a população estimada em 2020.

Os dados foram coletados por meio de pesquisa bibliográfica e documental em material já elaborado que permitiram identificar o percentual de mulheres na gestão de propriedades rurais nos municípios objeto de estudo. Para a pesquisa bibliográfica foi feita a seleção de artigos e periódicos através da utilização das ferramentas de busca de artigos e periódicos de indexação da base de dados do Google Acadêmico, URL: <https://scholar.google.com.br/> e Scientific Electronic Library Online (SciELO), URL: [www.scielo.org/](http://www.scielo.org/) e do site do IFFar *Campus* Santo Augusto. A pesquisa documental foi feita em documentos conservados em sites de órgãos públicos e privados. Na busca de fontes foram selecionados



artigos e periódicos brasileiros, utilizando os descritores: mulheres no agronegócio, mulheres gestoras do agronegócio, dados estatísticos de mulheres gestoras de propriedades rurais. Foram considerados artigos e periódicos publicados entre 2015 e 2020. Para tanto, foram elaboradas fichas bibliográficas para anotar referências, apontamentos, ideias e dados coletados organizados por categorias: Problemas, objetivos, resultados, contribuições e recomendações.

A análise de dados teve o objetivo de organizar e compreender os dados que foram coletados na pesquisa e demonstrá-los a partir de índices percentuais buscando descrever e compreender os dados sobre a população feminina gestora de propriedades rurais.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O Instituto Federal Farroupilha *Campus* Santo Augusto é uma instituição que oferece cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, nas áreas: Administração, Agropecuária, Alimentos e Informática e em Agroindústria na modalidade PROEJA e cursos técnicos subsequentes na modalidade EAD. Também oferece os Cursos Superiores de Bacharelado em Administração, Bacharelado em Agronomia, Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Computação, Tecnologia em Gestão do Agronegócio e Tecnologia em Alimentos. Na modalidade de Pós-Graduação *Lato Sensu* o curso de Gestão do Agronegócio.

O Curso Superior de Tecnologia em Gestão do Agronegócio tem oferta anual, é na modalidade presencial e abrange a Região Celeiro/RS. Busca qualificar profissionais envolvidos com o agronegócio e a melhoria na gestão das cadeias produtivas em nível regional. Tem contribuído para a formação de gestores do agronegócio, tendo formado até o momento aproximadamente 150 Tecnólogos em Gestão de Agronegócio e tendo muitas mulheres conquistado seu espaço dentro da gestão da propriedade rural após formadas.

De acordo com o Censo Agropecuário de 2017, 20, 3% dos estabelecimentos rurais no Brasil são dirigidos por casais que dividem todas as responsabilidades referentes ao estabelecimento. Aponta também que quanto à alfabetização, 77,4% dos homens e 75,2% das mulheres sabem ler.

Dos 5.073.324 estabelecimentos agropecuários existentes no Brasil, 81,02% são administrados por homens, enquanto, que 18,66 % são administrados por mulheres. O próprio IBGE destaca que esses números podem conter situações em que os dois, homem e mulher, administram juntos. No entanto, apesar de significativo, ainda é predominante o homem exercer



o poder e a autoridade sendo visto como provedor e chefe da casa. Ou seja, assim como nas demais atividades a mulher rural também é vista como a responsável pela reprodução biológica, cuidadora do lar e dos afazeres domésticos.

Em função dos aspectos culturais, salariais e de gênero, a história mostra que a inserção da mulher no mercado de trabalho apresenta muitas dificuldades. Isso também ocorre nas propriedades rurais, embora as mulheres não se limitem somente às atividades domésticas e tenham assumido cada vez mais as atividades pertinentes à gestão junto com o marido ou a família. As diferenças de gênero na zona rural brasileira se incluem num aglomerado de outras desigualdades sociais, que são consideradas por vezes insignificantes pela sociedade no que diz respeito ao dia a dia das mulheres (WOMMER e CASSOL, 2016).

Considerando os dados do Censo agropecuário de 2017, no RS 365 mil estabelecimentos agropecuários ocupam uma área de 21,7 milhões de ha, com 992 mil pessoas ocupadas em atividades agropecuárias (IBGE, 2017). Destes estabelecimentos, a gestão feminina é de 12,03%, observando-se que o índice de participação feminina na gestão agropecuária é menor do que o índice em nível de Brasil, é uma diferença de 6,63%. Em um estudo feito sobre a situação da mulher no meio rural, Costa (2015) observou que ainda é proeminente as desigualdades de gênero. Segundo ele, esse fato ocorre sustentado por uma matriz hegemônica, cuja concepção que predomina sobre feminilidade e masculinidade existe, a partir de disputas simbólicas e materiais, ocorrendo nos diversos espaços sociais, seja a família, a escola, a igreja, a sociedade, entre outros. Dessa forma, formalizam-se as desigualdades e se institucionalizam nas diversas organizações e nos diferentes grupos que constituem a sociedade, estando presentes no cotidiano de vida e trabalho das mulheres rurais.

No entanto, estudos apontam para o crescimento da atuação feminina no processo decisório tanto na lavoura quanto na administração do campo, o que se traduz em maior poder de influência para a condução dos negócios rurais e maior destaque no cenário do agronegócio (CIELO, WENNINGKAMP, SCHMIDT, 2016).

Nos municípios da região em estudo, com uma população de até 3.000 habitantes a média de gestoras femininas ficou em torno de 10% (Inhacorá e Vista Gaúcha), sendo um pouco abaixo da média gaúcha. Nos municípios de 3.000 a 6.000 habitantes, o município que teve uma participação maior foi Barra do Guarita, com 15% de participação feminina e o menor ficou com Sede Nova com 5,07%. São Martinho com 6,27%, Derrubadas com 7,01%, e



Chiapetta com 8% ficaram com índices bem menores que a média estadual. Todos os demais ficaram com uma média entre 11% e 13%. Nos municípios com 6.000 a 9.000 mil habitantes, Coronel Bicaco se aproxima da média do estado do RS com 17.79 % e Tiradentes do Sul mantém-se na média dos demais municípios com 10.03% de participação feminina na gestão. Nos municípios com mais de 9.000 mil habitantes, foi possível identificar que Santo Augusto e Tenente Portela, com 8,19% e 8,33% respectivamente, apresentam os menores índices de participação. Destaca-se, no entanto, o município de Redentora com o maior índice de 26,15%.

Caberá um novo estudo para entender o porquê de índices tão diferentes em uma mesma região. No entanto, pode-se considerar que o processo de empoderamento, faz com que a mulher passe a conhecer o seu lugar no âmbito da agricultura, não só como mão de obra ativa na execução das atividades laborativas, mas gerenciando o ambiente em que vive e está inserida, gerando desta forma, mudanças na sua posição social, econômica, cultural e política (GUBERT, 2020).

Em números totais, a região agregada pelo IFFar tem 12.649 estabelecimentos rurais, 11.074 gestores masculinos e 1.550 gestoras femininas. Portanto, a região tem 13,99% de gestoras femininas.

A representatividade da mulher do campo na gestão ainda é muito baixa. De acordo com a Pesquisa Hábitos do Produtor Rural realizada pela ABMRA (Associação Brasileira de Marketing Rural e Agronegócio) com o aumento do uso da tecnologia da informação, e a mecanização nas atividades rurais, a força física não é mais tão necessária no trabalho no campo, permitindo que as mulheres assumam mais cargos e funções dentro da propriedade. Além disso, o avanço acadêmico delas é superior ao dos homens, pois uma em cada quatro mulheres têm formação superior, enquanto os homens são um a cada cinco.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação feminina na gestão de estabelecimentos agropecuários apresenta ainda um índice muito baixo, são incipientes também os estudos direcionados à gestão feminina em estabelecimentos rurais, visto que em sua maioria tratam da mulher rural em todas as atividades realizadas em uma propriedade. A contribuição das mulheres no agronegócio nacional enquanto gestoras ainda é uma temática pouco explorada no âmbito acadêmico, bem como, pouco percebida pelos agentes econômicos e políticos do país. Talvez esse fato vá de encontro às



expectativas que se tinha em relação a esse estudo, pois a princípio a partir de uma observação empírica, pensava-se que os números demonstravam uma participação maior.

O homem geralmente é visto como o elemento principal desse segmento, papel social resultante de múltiplas influências históricas e culturais que permitem entender esses comportamentos. No entanto, as mulheres têm se destacado desempenhando várias funções e tarefas, realizando o controle administrativo e tomando decisões importantes, ou ainda, dividindo as tarefas e responsabilidades.

No que se refere ao objetivo deste estudo é possível dizer que ainda é baixa essa participação, embora não menos importante. No Brasil dos 5.073.324 estabelecimentos rurais, 18,66% têm mulheres como gestoras rurais. No Rio Grande do Sul, dos 365.094 estabelecimentos rurais, 12,03% são mulheres na gestão rural. E na região agregada pelo IFFar *Campus Santo Augusto* dos 12.649 estabelecimentos rurais 1.550 tem gestores femininos, ou seja, 13,99% de participação feminina.

É necessário destacar que além da formação formal desenvolvida no IFFar, as mulheres têm sido participantes ativas em congressos, cursos, palestras, entre outros, o que demonstra a preocupação em atender a necessidade de uma gestão eficiente.

Deixa-se por fim, uma sugestão para que mais estudos deste tipo sejam realizados, dada a escassez de fontes bibliográficas sobre o tema e devido a sua importância no contexto atual, pois as mulheres não podem mais permanecer anônimas no labutar das propriedades rurais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRONEGÓCIO. **Agronegócio no Brasil**: panorama completo do setor mais importante para economia brasileira. Disponível em < <https://tecnologianocampo.com.br/agronegocio-no-brasil/>> Acesso jan de 2021.

ANTONINI, R. C. et al. **Adoção e uso da agricultura de precisão na região das missões do Rio Grande Do Sul**. 2018. Disponível em Acesso em 10 de fev de 2021.

ARAÚJO, Massilon J. **Fundamentos do Agronegócio**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

BRASIL. **Censo 2010**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 21 de mar de 2021.

BRASIL. **Censo Agrário 2017**. Disponível em < <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/>> Acesso em 20 de mar de 2021.



CEPEA. **Mulheres no agronegócio**. 2018. Disponível em [www.cepea.esalq.usp.br](http://www.cepea.esalq.usp.br). Acesso em 02 de dez de 2020.

CIELO, Ivanete Daga. WENNINGKAMP Keila Raquel. SCHMIDT, Carla Maria. **A Participação Feminina no Agronegócio: O Caso da Coopavel – Cooperativa Agroindustrial de Cascavel**. 2016. Disponível em < <https://core.ac.uk/download/pdf/230462037.pdf>> Acesso em 20 de mar 2021.

COSTA, Marta Cocco da. **Violência contra mulheres rurais: gênero e ações de saúde**. 2015. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/ean/v19n1/1414-8145-ean-19-01-0162.pdf>> Acesso em 20 de abr de 2021.

DEZORDI, Jairton. **O potencial do agronegócio no Noroeste/RS**. 2017. Disponível em Acesso em 18 de mar de 2021.

FEIX, R. D.; LEUSIN JÚNIOR, S. **Painel do agronegócio no Rio Grande do Sul**. 2020 Porto Alegre: SEPLAG, Departamento de Economia e Estatística, 2019. Disponível em < <https://estado.rs.gov.br/upload/arquivos/painel-do-agronegocio-nors-2019.pdf>> Acesso em 19 de março de 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

GOOGLE Acadêmico, URL: <https://scholar.google.com.br/>.

GUARALDO, Maria Clara Mapa. **Embrapa e IBGE apresentam os dados sobre mulheres rurais**. 2020. Disponível em Acesso em 01 de dez de 2020. Disponível em Acesso em 10 de fev de 2021.

GUBERT, Flavia Piccinin Paz. **Empoderamento feminino na agricultura familiar**. Disponível em < <https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revistafitos/article/view/888>> Acesso em 21 de mar de 2021.

INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA. **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia Gestão do Agronegócio** - Instituto Federal Farroupilha Campus Santo Augusto. Disponível em < <https://www.iffarroupilha.edu.br/projetopedag%3b3gico-de-curso/campus-santo-augusto>> Acesso em 20 de mar de 2021.

JACTO. **Como é a representatividade das mulheres no campo**. Disponível em < <https://blog.jacto.com.br/como-e-a-representatividade-das-mulheres-no-campo/>> Acesso em 10 de mar de 2021.

LEITNER, Camyla Piran. FILHO, Alceu Gomes Alves. **Estratégia de operações: uma abordagem teórica quanto à aplicabilidade do constructo para empreendimentos rurais produtores de grãos**. 2019. Disponível em Acesso em 10 de mar de 2021.

LUZ, Tobias Marini de Salles. **O que significa “Agronegócio”? Conceitos e Diferenças**. 2015. Disponível em < <https://direitorural.com.br/o-que-significa-agronegocioconceitos-ediferencas/>> Acesso em 25 de mar de 2021.



MENDONÇA, Maria Lucia. **O Papel da Agricultura nas Relações Internacionais e a Construção do Conceito de Agronegócio.** 2015. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/cint/v37n2/0102-8529-cint-37-02-00375.pdf>> Acesso em 10 de mar de 2021.

**SCIENTIFIC Electronic Library Online (SciELO)**, URL: [www.scielo.org](http://www.scielo.org).

SOUZA, Luana Passos. GUEDES, Dyego Rocha. **A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década.** 2016. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/ea/v30n87/0103-4014-ea-30-87-00123.pdf>> Acesso em 10 de abr de 2021.

STABELINI, Delton. **Gestão Agrícola:** a administração aplicada à produção rural. 2017. Disponível em < <https://blog.texaco.com.br/ursa/gestao-agricola/>> Acesso em 10 de abr de 2021.

THIAGO, Fernando et al. **Estilo de gestão de produtores rurais.** 2020. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/resr/v58n2/0103-2003-resr-58-2-e188254.pdf>> Acesso em 21 de mar de 2021.

WOMMER, Dulcenéia H.; CASSOL, Claudionei Vicente. **A participação Feminina na Gestão da Propriedade Rural:** cuidado que qualifica e humaniza. Disponível em: [www.emater.tche.br](http://www.emater.tche.br) Acesso em: 04 maio 2021.